



FOLHA ONLINE 01/10/2006

### **DF e 16 Estados definem eleição em 1º turno; em 10 haverá 2º turno**

O Distrito Federal e mais 16 Estados definiram a eleição para governador em primeiro turno. Veja lista abaixo:

Acre - Binho Marques (PT)

Alagoas - Teotônio Vilela Filho (PSDB)

Amapá - Waldez Góes (PDT)

Amazonas - Eduardo Braga (PMDB)

Bahia - Jaques Wagner (PT)

Ceará - Cid Gomes (PSB)

Distrito Federal - José Roberto Arruda (PFL)

Espírito Santo - Paulo Hartung (PMDB)

Mato Grosso - Blairo Maggi (PPS)

Mato Grosso do Sul - André Puccinelli (PMDB)

Minas Gerais - Aécio Neves (PSDB)

Piauí - Wellington Dias (PT)

Rondônia - Ivo Cassol (PPS)

Roraima - Ottomar Pinto (PSDB)

São Paulo - José Serra (PSDB)

Sergipe - Marcelo Déda (PT)

Tocantins - Marcelo Miranda (PMDB)

2º turno

Em 10 Estados, a eleição para governador será decidida em segundo turno. Confira abaixo:

Goiás - Alcides Rodrigues (PP) e Maguito Vilela (PMDB)

Maranhão - Roseana Sarney (PFL) e Jackson Lago (PDT)

Pará - Almir Gabriel (PSDB) e Ana Júlia (PT)

Paraná - Roberto Requião (PMDB) e Osmar Dias (PDT)

Paraíba - Cássio Cunha Lima (PSDB) e José Maranhão (PMDB)

Pernambuco - Mendonça Filho (PFL) e Eduardo Campos (PSB)

Rio Grande do Norte - Wilma (PSB) e Garibaldi Filho (PMDB)

Rio Grande do Sul - Yeda Crusius (PSDB) e Olívio Dutra (PT)

Rio de Janeiro - Sérgio Cabral (PMDB) e Denise Frossard (PPS)

Santa Catarina - Luiz Henrique da Silveira (PMDB) e Esperidião Amin (PP)

<b>FOLHA ONLINE</b> <b>01/10/2006</b>
---------------------------------------

### **Após 14 anos de sua renúncia, Collor volta a Brasília como senador**

Após quase 14 anos de sua renúncia à Presidência da República, depois da aprovação de um processo de impeachment, o ex-presidente Fernando Collor de Mello (PRTB), 57, volta à cena em Brasília, agora como senador.

Com 5.065 (98,04%) das 5.166 urnas apuradas, Collor tem 44,11% dos votos válidos (538.600 votos) e é considerado eleito, porque não pode mais ser alcançado pelo segundo colocado, o ex-governador Ronaldo Lessa (PDT), com 489.102 votos (40,06%).

Neste domingo, 1.478.900 pessoas de um eleitorado de 1.859.487 foram às urnas em Alagoas. O TSE (Tribunal Superior Eleitoral) registrou 73.637 votos brancos

(4,98%), 184.343 votos nulos (12,46%) e abstenção de 339.211 (18,66% do eleitorado).

Durante a campanha, o discurso de Collor buscou convencer o eleitorado de que ele foi injustamente afastado do Planalto, em 1992. Naquele ano, Collor renunciou à Presidência para evitar o impeachment. Teve seus direitos políticos cassados pelo Senado até 2000.

Em 2002, Collor e Lessa disputaram o governo do Estado, na primeira eleição do ex-presidente após recuperar seus direitos políticos. O ex-presidente foi derrotado no primeiro turno. Lessa foi prefeito de Maceió e governador de Alagoas de 1999 a 2006.

Durante sua campanha, o ex-presidente afirmou que, se eleito, ele poderia falar "de igual para igual" com os parlamentares e "contar a verdade" sobre o processo de impeachment. Em seus discursos, Collor buscou caracterizar seu afastamento da Presidência como uma perseguição a Alagoas e ao Nordeste.

<b>FOLHA ONLINE</b> <b>01/10/2006</b>
---------------------------------------

### **SP tem mais de 100 candidatos a deputado estadual sem voto**

Com quase 80% das urnas apuradas em São Paulo, 113 candidatos a deputado estadual ainda não registraram nenhum voto. Isso ocorre principalmente porque tiveram suas candidaturas vetadas, e a regra eleitoral proíbe a contabilização de possíveis votos.

Na lanterninha, aparecem os candidatos Roberto Gerbi (PCO) com 15 votos e Alex Marchi (PAN) com 16 votos. Nas últimas eleições estaduais, em 2002, Justino (PRP) foi o candidato menos votado (23 eleitores).

O Estado teve mais de 1.700 candidatos a uma vaga na Assembléia Legislativa.

<b>FOLHA ONLINE</b> <b>02/10/2006</b>
---------------------------------------

### **Sem projetos, Clodovil tem como 1º desejo conhecer móveis de sua nova sala**

Ele já foi estilista, apresentador de TV, fez musical, teve câncer de próstata, foi operado. Agora, Clodovil Hernandez, 70, obteve uma das maiores votações do país como deputado federal pelo Partido Trabalhista Cristão (SP) --com 65,08% das urnas apuradas, tinha 320.953 votos, o terceiro candidato mais votado. Como se sente?

"Não tenho sensação nenhuma. Já tenho fama há muito tempo. É só um emprego a mais", disse ontem.

Qual a primeira coisa que fará em Brasília? "Quero ser apresentado à minha sala, à minha mesa." Principais projetos? "Não tenho projetos. Não nasci lá dentro, vou ter de aprender tudo."

Clodovil protagonizou alguns hits da eleição. Frases suas como "Não sou passivo" e "Sabe por que [o final do meu número] é 11? Porque 24 já era, agora é um atrás do outro" foram direto para o You Tube --e a boca do povo.

<b>FOLHA ONLINE      02/10/2006</b>
-------------------------------------

### **TSE confirma 2º turno entre Lula e Alckmin**

A candidata do PSOL, Heloísa Helena, teve 6,85% dos votos, enquanto o representante do PDT, Cristovam Buarque, recebeu 2,67%. O TSE (Tribunal Superior Eleitoral) registrou 2,73% de votos em branco e 5,7% de votos nulos.

O quadro acima repete as eleições de 2002, quando Lula também enfrentou um tucano em dois turnos: o ex-ministro da Saúde José Serra (que venceu hoje a eleição para governador de São Paulo).

No primeiro turno da eleição de 2002, Lula teve 46,44% dos votos contra 23,20% de Serra e o derrotou no segundo turno com 61,27% dos votos ante 38,73% do tucano.

Até a penúltima pesquisa divulgada pelo Datafolha, no dia 27 de setembro, Lula tinha 53% dos votos válidos e Alckmin, 35%. Levantamento divulgado ontem pelo instituto, entretanto, já indicava a possibilidade de segundo turno, com o petista aparecendo com 50% dos votos válidos e o tucano, com 38%.

Para que um candidato seja eleito sem a necessidade de realização de um segundo turno, ele precisa ter 50% mais um dos votos válidos. Pesquisa do Ibope e do Vox Populi, também divulgadas ontem, apontaram a mesma tendência do levantamento do Datafolha.

#### Trajatória

O rescaldo da crise do "mensalão", de 2005, tinha levado Lula praticamente "à lona", segundo registravam as primeiras pesquisas eleitorais de 2006, quando marcou suas menores taxas de intenção de voto.

Nos dois primeiros meses do ano, sua preferência eleitoral caiu abaixo de 40%, chegando ao "vale" de 33%, segundo a pesquisa Datafolha dos dias 1º e 2 de fevereiro.

O período coincidiu com a disputa acirrada dentro do PSDB para decidir quem seria o presidenciável do partido que disputaria uma eleição aparentemente "ganha" contra um presidente abalado por uma crise que monopolizou os jornais pelo segundo semestre de 2005.

Ironicamente, a disputa foi vencida pelo candidato que sempre teve as perspectivas mais baixas de voto: Geraldo Alckmin, que até março mal havia atingido a casa dos 30%.

Lula, no entanto, mostrou uma capacidade de recuperação que surpreendeu seus adversários e já no final de fevereiro havia voltado à casa dos 45% de intenção de voto. Em maio já havia atingido os 49% --segundo pesquisa Vox Populi dos dias 27 e 28-- e era somente uma questão de tempo para consolidar sua posição de virtual eleito no primeiro turno.

Esse patamar confortável de votos possíveis foi mantido praticamente durante todo o ano e só foi melhorando próximo à reta final. Já em agosto, vários analistas políticos cravavam sua vitória neste ano por ampla margem contra seus adversários, repetindo o desempenho de Fernando Henrique Cardoso, que venceu no primeiro turno (54,27% dos votos válidos) em 1994 e em 1998 (53,06% dos votos válidos).

Na visão dos analistas políticos, o programa "Bolsa-Família" de Lula teve em sua campanha o mesmo efeito do "Plano Real" para FHC em 1994 e das turbulências econômicas (e da "necessidade" de continuidade para combatê-las) para o tucano quatro anos depois.

Lula também agiu para "eclipsar" o efeito "mensalão". Saiu do Palácio do Planalto e rodou o país, em eventos que priorizaram o contato popular e para as imagens dos telejornais. Deu certo: durante meses, Lula entrou diariamente no "Jornal Nacional" em eventos públicos, seja participando de cerimônias ou inaugurando obras mal saídas do chão.

#### Dossiê muda perspectivas

A condição aparentemente imbatível do candidato-presidente somente foi abalada quando explodiu o último escândalo ocorrido em seu governo: o chamado "dossiêgate".

A tentativa frustrada de compra de um dossiê contra políticos tucanos por integrantes do PT monopolizou os jornais na reta final de campanha e assombrou a virtual vitória de Lula no primeiro turno.

Analistas políticos duvidavam, no entanto, que o novo escândalo político sobrepujasse o carisma do presidente-operário, sustentado por um amplo programa de benefícios sociais e por uma retórica popular reconhecida até por seus adversários.

A escalada do "dossiêgate", no entanto, teve o efeito de minar a "blindagem" de Lula. Seus adversários, principalmente o tucano Geraldo Alckmin, exploraram os detalhes do noticiário e lembraram do "mensalão", em um efeito de acumulação que, aparentemente, convenceu o eleitorado.

O quadro, no entanto, continua favorável ao petista e árduo para o tucano. Embora a ida ao segundo turno possa ser considerada uma "derrota" para o PT, que sempre apostou na vitória já no domingo, Lula mantém uma boa vantagem sobre Alckmin, o que, possivelmente, prefigura uma repetição de 2002.

<b>FOLHA ONLINE      02/10/2006</b>
-------------------------------------

### **Marco Aurélio Mello espera disputa de "alto nível" no 2º turno presidencial**

Apesar da disputa eleitoral ter se acirrado nos últimos dias, com a disputa de um dossiê contra o candidato Luiz Inácio Lula da Silva (PT), o presidente do tribunal, ministro Marco Aurélio Mello, disse esperar uma campanha "de alto nível" entre os dois. "Eu creio que a campanha deve ser de alto nível, buscando a revelação de perfis dos candidatos", afirmou.

Mello admitiu que o fato de o TSE estar analisando pedidos de investigação contra os dois candidatos que disputam a presidência não vai atrapalhar o curso do segundo turno.

Segundo ele, enquanto os processos de investigação não forem concluídos pelo TSE, nenhum dos candidatos pode ser apontado como culpado. O ministro não revelou, no entanto, o prazo em que os resultados das investigações será encerrado.

Lula é investigado pelo TSE por suspeita de envolvimento na compra do dossiê contra candidatos do PSDB. Alckmin pode vir a ser investigado pelo tribunal, a pedido do PT, por suspeitas de doações irregulares à sua campanha e acusações de que o PSDB estaria envolvido no vazamento de fotos do dinheiro utilizado na compra do dossiê.

### **Corruptos**

O ministro evitou fazer comentários nesta segunda-feira sobre a eleição de parlamentares envolvidos em escândalos de corrupção, mas admitiu que como cidadão se sente "decepcionado" com algumas escolhas dos eleitores.

"Como presidente do TSE, tenho que reconhecer a realidade. Como cidadão, posso me sentir decepcionado, frustrado", disse em referência às eleições de parlamentares envolvidos nos escândalos dos sanguessugas e do mensalão.

<b>FOLHA ONLINE      02/10/2006</b>
-------------------------------------

### **Nove partidos não atingem cláusula de barreira**

Nove dos 16 partidos que têm representação no Congresso não conseguiram ultrapassar a cláusula de barreira e podem perder representatividade em 2007. Legendas como o PPS, PV, PC do B, PSOL, PTB, PL, PSC, Prona e PTC não reuniram 5% dos votos nacionais e 2% dos votos em nove Estados nas eleições deste domingo e vão perder força e poder político no novo Congresso.

Em situação diferente estão: PT, PSDB, PFL, PMDB, PP, PDT e PSB. Esses partidos ultrapassaram a cláusula de barreira. O PSB conseguiu atingir a meta ajudado por nomes como Ciro Gomes, eleito deputado federal com quase 667 mil votos, Márcio França, com 215 mil votos, e Luiza Erundina, que teve 195 mil votos.

Os partidos que não atingirem a cláusula de barreira não deixarão de existir. Mas serão impedidos de presidir comissões, não terão direito aos recursos do Fundo Partidário nem terão tempo de TV.

#### **Alternativas**

Lideranças dos partidos que não conseguiram atingir a meta indicam dois caminhos para tentar sobreviver: a fusão ou a união dessas legendas numa federação. "Todos os partidos que não conseguiram ultrapassar a cláusula vão perder força, mas não necessariamente serão extintos. Tem que se pensar alternativas", avaliou o presidente nacional do PPS, deputado Roberto Freire (PE).

Freire aposta numa fusão com o PV para garantir a sobrevivência política do PPS. O deputado não acredita na federação de partidos --medida que ainda precisa de aprovação do Congresso.

"A federação é algo contrário à cláusula de barreira, que tem como objetivo diminuir o número de partidos. Nós vamos com o PV discutir uma frente de esquerda democrática, a exemplo do que fez a esquerda espanhola", disse.

Com a fusão seria criado um único partido, mas com a garantia de autonomia programática para as legendas que se juntarem. Já a federação consiste em reunir os partidos sob o mesmo teto, que continuariam existindo com seus nomes atuais.

Freire disse que o PPS tinha expectativa de ultrapassar a cláusula, mas não conseguiu atingir em São Paulo os votos que pretendia, além de não ter se preparado para disputar as eleições em Estados como Goiás e Maranhão.

PTB

O líder do PTB na Câmara, deputado José Múcio Monteiro (PE), disse que o partido foi surpreendido com o resultado da eleição para a Câmara Federal. Múcio avalia que a legenda foi prejudicada com o envolvimento de alguns de seus parlamentares nos escândalos do mensalão e dos sanguessugas. "Nós achávamos que iríamos ultrapassar. Vamos amanhã fazer uma reunião para ver o que fazer", conformou-se.

O PSOL promete travar uma guerra no Congresso para acabar com o mecanismo da cláusula de barreira. O deputado Ivan Valente (SP) disse que como é uma legenda ideológica, está descartada a hipótese de o PSOL se fundir ou aceitar participar de uma federação. "Vamos lutar para rediscutir na Câmara a cláusula de barreira, mas achamos que isso não inviabiliza o partido. Vamos falar no Congresso como deputados que são referências", disse.

<b>FOLHA ONLINE    02/10/2006</b>
-----------------------------------

### **Propaganda eleitoral deve ser retomada nesta quarta-feira**

O presidente do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), ministro Marco Aurélio Mello, deve proclamar oficialmente nesta noite os resultados do primeiro turno das eleições 2006. Pelas normas do tribunal, o resultado tem que ser anunciado em sessão do TSE, que está marcada para as 19h.

Antes da sessão, a expectativa é que Mello apresente um balanço das eleições encerrando formalmente a apuração dos votos.

Se os resultados forem proclamados nesta segunda-feira, a propaganda eleitoral gratuita no rádio e na TV terá início já na quarta-feira. O tempo de cada candidato que disputa o segundo turno será o mesmo. Na disputa presidencial, Geraldo Alckmin (PSDB) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT) terão, cada um, dez minutos diários no rádio e na TV --o mesmo tempo reservado para os candidatos a governador.

Onde houver segundo turno para o governo estadual, veicula-se primeiro a propaganda para presidente. O TSE e os tribunais regionais eleitorais vão fazer sorteios para escolher a ordem da veiculação dos programas no primeiro dia da propaganda eleitoral. No dia seguinte, a ordem será invertida, e a alternância prossegue até o último dia da propaganda.

Assim como no primeiro turno, a propaganda será veiculada no rádio às 7h e ao meio-dia. Na TV, os horários são às 13h e às 20h30 (horários de Brasília).

Cada candidato terá ainda 15 minutos de inserções diárias no rádio e na TV ao longo da programação das emissoras. A propaganda eleitoral termina dia 27 de outubro, sexta-feira anterior ao segundo turno, que será realizado no domingo, dia 29.

---

**Nº 72/2006**



**JUSTIÇA ELEITORAL  
TRE TOCANTINS  
ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**